

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Duff*

Autora: *Kody Keplinger*

Copyright © 2010 by Kody Keplinger

Edição portuguesa publicada por acordo com Little, Brown, and Company,  
Nova Iorque, EUA.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Catarina Gândara*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, fevereiro, 2016

Depósito legal n.º 403 339/16

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# 1

Estava a tornar-se repetitivo.

A Casey e a Jessica estavam, uma vez mais, a fazer total figura de parvas, a abanarem os rabos como se fossem dançarinas num videoclipe de *rap*. Mas acho que os rapazes gostam dessas tretas, não é? Sinceramente, conseguia *sentir* o meu QI a descer a pique enquanto me perguntava, pela centésima vez nessa noite, porque é que tinha deixado que elas me arrastassem para aqui *outra vez*.

Sempre que vínhamos ao Ninho, acontecia o mesmo. A Casey e a Jessica dançavam, namoriscavam, atraíam as atenções de todos os machos presentes no bar e, no fim de contas, acabavam por ser arrastadas para fora da festa pela sua melhor amiga e protetora — eu — antes que qualquer dos tarados que lá estavam conseguisse aproveitar-se delas. Enquanto isso, eu ficava sentada ao balcão do bar durante toda a noite, a conversar com o Joe, o empregado trintão, sobre «os problemas com os miúdos de hoje em dia».

Creio que o Joe ficaria ofendido se eu lhe dissesse que um dos maiores problemas era este maldito sítio. O Ninho, que no passado fora um bar a sério, tinha sido transformado num bar de adolescentes há três anos. O antigo balcão de carvalho ainda lá estava, mas o Joe já só servia refrigerantes enquanto os miúdos dançavam ou ouviam música ao vivo. Eu detestava aquele sítio pelo simples motivo de fazer que as minhas amigas — que, em geral, eram relativamente sensatas — agissem como idiotas. No entanto, e em abono delas, não eram as únicas a comportar-se assim. Metade do Liceu Hamilton aparecia ali aos fins de semana e ninguém saía do bar com a dignidade intacta.

Mas, a sério, qual era a graça de tudo isto? Será que quero dançar ao som da mesma música tecno, cheia de graves pesados, semana após semana? Claro! E depois, a seguir, talvez me atire a este jogador de futebol suado e obcecado por sexo. Talvez tenhamos umas discussões eloquentes sobre política e filosofia enquanto saltamos e nos roçamos um no outro. Safa! Pois, está-se mesmo a ver.

A Casey deixou-se cair no banco ao lado do meu. — Devias vir dançar connosco, B —, disse ela, completamente ofegante por ter estado a abanar o rabo. — É *tão* divertido.

— Claro que é — murmurei.

— Oh, meu Deus! — exclamou a Jessica, sentando-se do meu outro lado, com o rabo de cavalo loiro-claro a balouçar-lhe contra os ombros. — Vocês viram aquilo? Vocês viram aquela *cena*? O Harrison Carlyle acabou de se atirar completamente a mim! Vocês *viram* aquilo? Oh-meu-Deus!

A Casey revirou os olhos. — Ele perguntou-te onde é que tu compraste os sapatos, Jess. Ele é completamente *gay*.

— É demasiado giro para ser *gay*.

A Casey ignorou-a, passando os dedos por trás da orelha como se estivesse a prender caracóis invisíveis. Era um hábito que lhe ficara de antes de ter dado uma carecada e de usar este corte loiro de fada moderna. — B, devias vir dançar connosco. Não é que o Joe não seja divertido, mas trouxemos-te para aqui para *podermos* estar contigo. — Piscou o olho ao empregado, provavelmente na esperança de conseguir cravar-lhe uns refrigerantes à borla. — Mas nós somos tuas amigas. Devias vir dançar. Não concordas, Jess?

— Completamente — concordou a Jessica, enquanto fazia olhinhos ao Harrison Carlyle, que estava sentado num reservado no outro lado da sala. Depois fez uma pausa e virou-se novamente para nós. — Espera. O quê? Não estava a ouvir.

— Estás aqui sentada com um ar tão aborrecido, B. Eu quero que tu também te divirtas.

— Estou ótima — menti. — Estou a divertir-me imenso. Vocês sabem que eu não sei dançar. Só iria atrapalhar-vos. Vão... aproveitar, ou lá o que é que fazem. Eu fico bem aqui.

A Casey olhou para mim, semicerrando os olhos cor de caramelo. — Tens a certeza? — perguntou-me.

— Absoluta.

Franziu o sobrolho, mas passado um segundo encolheu os ombros e agarrou na Jessica pelo pulso, arrastando-a para a pista de dança.

— Cuidado! — gritou a Jessica. — Tem calma, Case! Assim vais arrancar-me o braço! — Depois abriram caminho alegremente até ao centro da sala, já a sincronizar o abanar das ancas com o ritmo pulsante da música tecno.

— Porque é que não lhes disseste que estás a sentir-te infeliz? — perguntou-me o Joe, empurrando um copo de *Coca-Cola* de cereja na minha direção.

— Não estou a sentir-me infeliz.

— E também não tens jeito nenhum para mentir — retorquiu ele, antes de um grupo de caloiros começar a gritar por bebidas no outro lado do balcão.

Beberiquei a minha *Coca-Cola* de cereja, enquanto olhava para o relógio que estava por cima do balcão. O ponteiro dos segundos parecia estar congelado e rezei para que o maldito aparelho estivesse avariado ou coisa que o valha. Antes das onze horas, não iria dizer à Casey e à Jessica que nos fôssemos embora. Se o fizesse seria a desmancha-prazeres. Mas, de acordo com o relógio, ainda nem sequer eram nove horas e eu já estava a começar a sentir-me com uma enxaqueca provocada pela música techno e que a luz estroboscópica ainda tornava mais forte. *Mexe-te, ponteiro dos segundos! Mexe-te!*

— Olá, miúda.

Revirei os olhos e voltei-me de maneira a lançar um olhar assassino ao intruso indesejável. Isto acontecia-me de vez em quando. Um tipo qualquer, normalmente pedrado ou a tresandar a suor, vinha sentar-se ao meu lado e fazia uma tentativa inglória de meter conversa comigo. Era óbvio que não tinha herdado o gene da observação, porque a expressão da minha cara tornava mais do que evidente que eu não estava com disposição para ser deslumbrada.

Surpreendentemente, o tipo que se tinha sentado ao meu lado não cheirava a erva nem a sovaco. Na verdade, é possível que o cheiro que senti no ar fosse de água-de-colónia. No entanto, a minha aversão apenas aumentou quando me apercebi de quem era a pessoa a quem a água-de-colónia pertencia. Teria preferido mil vezes o cabeça de vento pedrado.

Era o sacana do Wesley Rush.

— O que é que tu queres? — perguntei num tom ríspido, sem sequer me dar ao trabalho de ser educada.

— Não és do tipo amigável, pois não? — perguntou o Wesley sarcasticamente. — Para dizer a verdade, vim conversar contigo.

— Bem, isso é uma treta. Esta noite não estou disposta a conversar com ninguém. — Sorvi a bebida ruidosamente, na esperança de que ele entendesse a não lá muito subtil insinuação de que devia ir-se embora. Mas não tive sorte. Conseguia sentir os olhos cinzento-escuros dele a rastejar por todo o meu corpo. Ele nem sequer conseguiu fingir que me estava a olhar nos olhos, pois não? Irra!

— Vá lá — meteu-se o Wesley comigo. — Não é preciso seres tão gélida.

— *Deixa-me em paz* — sibilei por entre dentes cerrados. — Vai ver se encantas uma vadia qualquer que sofra de baixa autoestima, porque eu não vou cair nessa.

— Ah, eu não estou interessado em vadias — disse ele. — Não é a minha praia.

Eu bufei de desprezo. — Qualquer rapariga que te dê a mínima atenção, Wesley, é, sem dúvida alguma, uma vadia. Ninguém com bom gosto ou classe ou dignidade iria realmente considerar-te atraente.

Está bem. Ora aí estava uma pequena mentira.

O Wesley Rush era o *playboy* mais nojento e mais mulherengo que alguma vez atravessara as portas do Liceu Hamilton... mas até era giro. Talvez se pudéssemos tirar-lhe o som... e cortar-lhe as mãos... talvez — e apenas talvez — se tornasse tolerável. Caso contrário, era um verdadeiro merdoso. Um tarado merdoso.

— E tu tens, presumo, *efetivamente*, bom gosto, classe e dignidade? — perguntou ele com um sorriso insolente.

— Sim, tenho.

— É uma pena.

— Isto é a tua melhor tentativa de te meteres comigo? — perguntei-lhe. — É que, se é, é um falhanço. Um falhanço épico.

Deu uma gargalhada. — Eu nunca falho quando me ponho a namoriscar. — Passou os dedos pelo cabelo escuro e encaracolado e ajustou o sorrisinho matreiro e arrogante. — Estou apenas a ser simpático. A tentar ter uma conversa simpática.

— Lamento. Não estou interessada. — Virei-me de costas para ele e dei mais um golo na minha *Coca-Cola* de cereja. Mas ele não se mexeu. Nem sequer um milímetro. — Agora já podes ir-te embora — disse-lhe num tom firme.

O Wesley suspirou. — Muito bem. Estás a ser verdadeiramente teimosa, sabes? Por isso, acho que vou ser franco contigo. Tenho de dar a mão à palmatória: és mais inteligente e mais teimosa do que a maioria das raparigas com quem costumo falar. Mas estou aqui para algo mais do que uma conversa engraçada. — Desviou a atenção para a pista de dança e acrescentou: — A verdade é que preciso da tua ajuda. Sabes, as tuas amigas são umas brasas. E tu, minha querida, não passas de uma DUFF\*, quer dizer uma Amiga FG.

— O que significa isso?

— Amiga Feia e Gorda — esclareceu ele. — Sem ofensa, mas aplica-se a ti como uma luva.

— Eu não sou a...

— Calma, não te ponhas na defensiva. Não é que sejas um monstro nem nada do género, mas em comparação com elas...

---

\* Acrónimo para Designated Ugly Fat Friend. (NR)

— Encolheu os ombros largos. — Pensa no assunto. Porque é que elas te trazem para aqui se tu não danças? — Teve o descaramento de estender a mão e dar-me uma palmadinha no joelho, como se estivesse a tentar reconfortar-me. Afastei-me dele com um abanão, e os dedos dele desviaram-se suavemente da minha perna para afastar uns caracóis da cara. — Ouve — disse ele — tens umas amigas giras... umas amigas *mesmo* muito giras. — Fez uma pausa enquanto observava momentaneamente a ação na pista de dança, antes de se virar novamente de frente para mim. — O que eu quero dizer é que está cientificamente provado que todos os grupos de amigos têm um DUFF, um Amigo ou uma Amiga FG. E as raparigas reagem bem a tipos que se dão com as Amigas FG delas.

— Ah, então agora os drogados podem afirmar que são cientistas? Isso é uma novidade para mim.

— Não sejas azeda — retorquiu ele. — O que eu estou a dizer é que as raparigas — como as tuas amigas — acham que é *sexy* quando os rapazes mostram alguma sensibilidade e socializam com Amigas FG. Por isso, ao estar a conversar contigo neste preciso momento, estou a duplicar as minhas hipóteses de me envolver fisicamente esta noite. Por favor, ajuda-me e limita-te a fingir que estás a gostar da nossa conversa.

Fiquei a olhar para ele durante muito tempo, completamente estupefacta. Não havia dúvida de que a beleza era apenas superficial. O Wesley Rush bem podia ter o corpo de um deus grego, mas a alma dele era tão negra e oca como o interior do meu guarda-vestidos. Que grande malandro!

Com um único movimento rápido, pus-me em pé de um salto e atirei o conteúdo do meu copo na direção do Wesley. A *Coca-Cola* de cereja voou para cima dele, molhando-lhe o polo branco



de aspeto caro. Gotas de líquido vermelho-escuro escorriam-lhe das faces e sujavam-lhe o cabelo castanho. O rosto dele brilhou de fúria e o maxilar bem definido cerrou-se.

— Porque é que fizeste isso? — perguntou com brusquidão, limpando a cara com as costas da mão.

— Porque é que achas que foi? — berrei-lhe, com os punhos cerrados.

— Sinceramente, Amiguinha FG, não faço a mais pequena ideia.

As minhas faces ardiam de fúria. — Se pensas que eu vou permitir que uma das minhas amigas saia daqui contigo, Wesley, estás redondamente enganado — disse-lhe num tom furioso. — És um idiota nojento, oco e mulhengo, e espero sinceramente que a *Coca-Cola* manche esse teu polo de betinho. — E imediatamente antes de lhe virar as costas e me afastar dali, olhei por cima do ombro e acrescentei: — E o meu nome não é Amiguinha FG. É Bianca. Somos da mesma sala desde a escola preparatória, meu filho da mãe egocêntrico.

Nunca pensei ser capaz de falar assim, mas dou graças a Deus pela maldita música tecno, que estava a tocar tão alto. Além do Joe, ninguém assistiu àquela pequena cena e ele, provavelmente, achou imensa graça a tudo aquilo. Tive de abrir caminho à força por entre a pista de dança atulhada de gente para conseguir encontrar as minhas amigas. Quando as encontrei, agarrei na Casey e na Jessica pelos braços e puxei-as em direção à saída.

— Hei! — protestou a Jessica.

— O que é que se passa? — perguntou a Casey.

— Vamos sair imediatamente deste maldito sítio — respondi eu, arrastando-as relutantes atrás de mim. — Explico-vos quando

estivermos no carro. Só não aguento ficar neste buraco infeto por mais um segundo que seja.

— Não posso só despedir-me do Harrison antes? — queixou-se a Jessica, tentando que eu lhe soltasse o braço.

— Jessica! — Torci dolorosamente o pescoço quando rodei a cabeça para a encarar. — Ele é *gay*! Não tens a mínima hipótese, por isso vê se desistes. *Preciso* de sair daqui. Por favor.

Arrastei-as lá para fora, para o parque de estacionamento, onde o gélido ar de janeiro cortava a pele nua das nossas caras. Desistindo, a Casey e a Jessica puseram-se muito juntinhas a mim, uma de cada lado. Devem ter sentido que as roupas que usavam, que deveriam ser *sexy*, eram inadequadas para enfrentar o vento gelado. Fomos as três agarradas em direção ao meu carro, e só nos separámos quando chegámos junto do para-choques dianteiro. Carreguei no botão da chave para abrir as portas, de modo a podermos entrar rapidamente para o interior ligeiramente mais quente do *Saturn*.

A Casey enroscou-se no banco da frente e, com os dentes a bater de frio, perguntou: — Porque é que vamos embora tão cedo? B, são só nove e um quarto.

A Jessica ficou a resmungar no banco de trás, com uma manta pré-histórica enrolada à volta dela como se fosse um casulo. (O aquecimento da treta do meu carro raramente se decidia a funcionar, por isso eu tinha sempre um monte de mantas no chão.)

— Tive uma discussão com uma pessoa — expliquei, enfiando a chave na ignição com uma força desnecessária. — Atirei-lhe a *Coca-Cola* à cara e não quis ficar por ali, à espera da resposta dele.

— À cara de quem? — perguntou a Casey.

Estava cheia de medo daquela pergunta, porque sabia bem a reação que elas iam ter. — Do Wesley Rush.

A minha resposta foi recebida com dois suspiros de arrebatamento muito femininos.

— Ah, vá lá! — exclamei, furibunda. — O tipo é um mulherengo. Não o suporto. Dorme com tudo o que se mexe e tem o cérebro nas calças, o que quer dizer que é microscópico.

— Duvido... — disse a Casey, suspirando novamente. — Céus, B, só tu para encontrares defeitos no Wesley Rush.

Lancei-lhe um olhar furioso, enquanto virava a cabeça para fazer marcha-atrás e sair do parque de estacionamento. — O gajo é um idiota.

— Isso não é verdade — interviei a Jessica. — A Jeanine disse que ele conversou com ela numa festa, há pouco tempo. Ela estava com a Vikki e a Angela, e disse que ele apareceu e se sentou ao lado dela. E que foi muito simpático.

Fazia sentido. Não havia a mínima dúvida de que a Jeanine era Amiga FG quando estava com a Angela e com a Vikki. Perguntei-me qual das duas teria saído com o Wesley da festa nessa noite.

— Ele é encantador — disse a Casey. — Estás apenas a ser a menina cética, como é teu costume. — Lançou-me um sorriso carinhoso do banco do lado. — Mas que raio é que ele te fez para que lhe atirasses com a *Coca-Cola*? — Agora parecia estar preocupada. Demorou bastante... — Ele disse-te alguma coisa desagradável, B?

— Não — menti. — Não foi nada. Ele irrita-me, muito simplesmente.

*DUFF.. Amiga FG.*

A expressão andou às voltas na minha cabeça, enquanto acelerava pela 5<sup>th</sup> Street abaixo. Não conseguia obrigar-me a contar às minhas amigas o maravilhoso novo insulto que tinha acabado de ser acrescentado à minha lista de vocabulário, mas, quando me vi de relance no espelho retrovisor, a afirmação do Wesley de que eu era a «cola» feia e indesejável pareceu confirmar-se. A figura perfeita da Jessica, em forma de ampu-lheta, e os seus olhos castanhos carinhosos e acolhedores. A tez perfeita da Casey, e as suas pernas compridíssimas. Não me podia comparar a nenhuma delas.

— Bem, eu acho que devíamos ir a outra festa, já que ainda é tão cedo — sugeriu a Casey. — Ouvi dizer que há uma em Oak Hill. Um miúdo qualquer que anda na universidade veio passar as férias do Natal a casa e decidiu dar uma festa de arromba. A Angela falou-me nisso esta manhã. Querem ir?

— Sim! — exclamou a Jessica, endireitando-se por baixo da manta. — Claro que devemos ir! As festas das universidades estão cheias de *rapazes* universitários. Vai ser mesmo divertido, não achas, Bianca?

Suspirei. — Não. Nem por isso.

— Oh, vá lá. — A Casey esticou a mão e apertou-me o braço. — Desta vez não tens de dançar, está bem? E eu e a Jess prometemos que vamos manter todos os tipos giros longe de ti, visto que, claramente, tu os odeias. — Fez um sorriso irónico, tentando que eu voltasse a ficar de bom humor.

— Eu não odeio os tipos giros — retorqui. — Só aquele. — Passado um bocado, dei um suspiro e virei para a autoes-trada. — Está bem, vamos. Mas a seguir vocês as duas têm de me pagar um gelado. Com duas bolas.

— Combinado.

# 2

Não há nada mais tranquilo do que o silêncio numa noite de sábado — ou numa manhã de domingo, muito cedo. O ressonar abafado do meu pai troava vindo do fundo do corredor, mas o resto da casa estava em silêncio quando entrei sorrateiramente um pouco depois da uma da manhã. Ou talvez eu tivesse ensurdecido por causa dos graves fortes da festa de Oak Hill. Sinceramente, a ideia de perder a audição não me afetava por aí além. Aliás, era completamente a favor, se isso significasse que nunca mais teria de voltar a ouvir música tecno.

Tranquei a porta de entrada e percorri a sala de estar escura e vazia. Vi o postal pousado em cima da mesinha de apoio, enviado fosse lá de que cidade fosse em que a minha mãe estava agora, mas não me dei ao trabalho de o ler. Ainda ali estaria de manhã e eu sentia-me demasiado cansada, por isso limitei-me a arrastar-me pelas escadas acima até ao meu quarto.

Abafando um bocejo, pendurei o casaco nas costas da cadeira da secretária e fui sentar-me na cama. A enxaqueca começou

a passar enquanto atirei os *Converse* para o outro lado do quarto. Estava exausta, mas a minha POC — perturbação obsessiva-compulsiva — estava em pleno pico. Para conseguir dormir, o monte de roupa lavada que estava no chão, aos pés da cama, tinha de ser dobrado primeiro.

Cuidadosamente, peguei em cada uma das peças de roupa e dobrei-a com uma precisão embaraçosa. Depois empilhei as camisas, as calças de ganga e a roupa interior no chão, em secções separadas. Por qualquer motivo que desconheço, o ato de dobrar a roupa enrodilhada acalmava-me. À medida que ia fazendo montículos perfeitos, a minha mente relaxou, o meu corpo descontraíu e a irritação que sentia devido à noite de música aos berros e cheia de miúdos ricos, intragáveis e obcecados por sexo começou a desaparecer. Sentia-me renascer a cada dobra perfeita que fazia.

Depois de todas as peças de roupa estarem dobradas, levantei-me, deixando os montículos no chão. Despi a camisola e as calças de ganga, que tresandavam por causa do calor sufocante das festas, e atirei-as para dentro do cesto de roupa suja que estava ao canto do quarto. O duche podia esperar até de manhã. Estava demasiado cansada para tratar disso agora.

Antes de me enfiar nos lençóis, olhei de relance para o espelho de corpo inteiro que estava do outro lado do quarto. Vi o meu reflexo com novos olhos, com um novo conhecimento. Cabelo castanho-arruivado incontrolavelmente ondulado. Um nariz comprido. Coxas grandes. Mamas pequenas. Pois. Sem dúvida alguma, material de Amiga FG, uma simples DUFF. Como é que não me apercebera?

Quer dizer, nunca me considerei particularmente atraente, e não era difícil perceber que a Casey e a Jessica — ambas

magras e loiras — eram lindíssimas, mas, mesmo assim... O facto de eu desempenhar o papel da rapariga feia que contracenava com aquela dupla voluptuosa nunca me tinha ocorrido. Mas, graças ao Wesley Rush, agora conseguia aperceber-me disso.

Às vezes é melhor permanecermos na ignorância.

Puxei o cobertor até ao queixo, escondendo o meu corpo nu do escrutínio do espelho. O Wesley era a prova viva de que a beleza era apenas superficial, portanto porque é que as palavras dele me incomodavam? Eu era inteligente. Era boa pessoa. Por isso, quem é que se importava se eu fosse Amiga FG? Se eu fosse atraente, teria de aturar tipos como o Wesley a *atirar-se* a mim. Safa! Portanto, ser Amiga FG tinha as suas vantagens, certo? Ser feia não tinha de ser uma treta.

Maldito Wesley Rush! Não dava para acreditar que ele me levasse a preocupar-me com tretas tão estúpidas, tão insignificantes e tão fúteis.

Fechei os olhos. Não iria pensar nisso amanhã de manhã. *Nunca mais* voltaria a pensar em Amiga FG *outra vez*.

O domingo foi fantástico — uma euforia agradável, tranquila, sem interrupções. É claro que, normalmente, as coisas eram bastante tranquilas quando a minha mãe estava fora. Quando estava cá, a casa parecia sempre barulhenta. Havia sempre música ou risos ou qualquer coisa animada e caótica. Mas ela parecia nunca estar em casa por mais de dois ou três meses, e, enquanto estava fora, tudo ficava em silêncio. Tal como eu, o meu pai não era muito de sociabilizar. Normalmente, estava enterrado no trabalho ou a ver televisão. Por isso a casa dos Piper era praticamente silenciosa.

E, numa manhã seguinte a eu ter sido obrigada a suportar toda a barulheira dos bares e das festas, uma casa silenciosa equivalia à perfeição.

Mas a segunda-feira foi uma porcaria.

Todas a segundas-feiras são uma porcaria, claro, mas esta segunda-feira lixou *mesmo* tudo. A coisa começou no primeiro tempo, quando a Jessica se deixou cair na carteira ao meu lado, na aula de Espanhol, com as faces manchadas de lágrimas e o rímel a escorrer.

— Jessica, o que é que se passa? — perguntei-lhe. — Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem?

Tenho de admitir que sempre fiquei extremamente assustada nas raras ocasiões em que a Jessica chegou às aulas com um aspeto menos do que composto. Em geral, estava constantemente aos saltinhos e aos risinhos. Por isso, quando entrou com aquele ar tão deprimido, assustou-me de morte.

A Jessica abanou a cabeça com um ar infeliz e deixou-se cair na cadeira. — Está tudo bem, mas... Não posso ir ao baile de regresso às aulas! — Mais lágrimas brotaram dos seus enormes olhos cor de chocolate. — A minha mãe não me deixa ir!

Então era isso? Tinha-me deixado completamente passada por causa do *baile de regresso às aulas*?

— Porquê? — perguntei-lhe, tentando ainda ser amável.

— Estou de castigo — fungou a Jessica. — Hoje de manhã a minha mãe viu a caderneta das notas no meu quarto, descobriu que vou chumbar a Química e passou-se! Não é justo, caramba! O baile de regresso às aulas da equipa de basquetebol é, tipo, o meu baile preferido do ano inteiro... depois do baile de finalistas e da festa da Sadie Hawkins e do baile de regresso às aulas da equipa de futebol.



Inclinei o queixo para baixo e olhei para ela com uma expressão de gozo. — Ena, quantos favoritos tens?

Não respondeu. E também não se riu.

— Desculpa, Jessica. Eu sei que deve ser terrível... mas eu também não vou. — Não referi o facto de considerar que todo aquele costume dos bailes do liceu era degradante ou de que era apenas uma gigantesca perda de tempo e de dinheiro. A Jessica já sabia quais eram as minhas opiniões sobre o assunto e não me parecia que relembrar-lhas fosse ajudar minimamente. Mas fiquei bastante contente por não ser a única rapariga a não ir. — Vou fazer-te uma proposta: vou ter a tua casa e passamos a noite toda a ver filmes. Achas que a tua mãe vai concordar?

A Jessica anuiu em silêncio e limpou os olhos com o punho da camisa. — Sim — disse ela. — A minha mãe gosta de ti. Acha que tens uma boa influência em mim. Por isso vai concordar. Obrigada, Bianca. Podemos ver o *Expição* outra vez? Ainda não estás farta?

Sim, estava a ficar extremamente farta dos filmes românticos e lamechas que faziam a Jessica suspirar, mas conseguia aguentar mais um. Lancei-lhe um sorriso. — Nunca me farto do James McAvoy. Até podemos ver *A Juventude de Jane*, se te apetecer. Fazemos uma sessão dupla.

Ela deu uma gargalhada — finalmente — no preciso momento em que a professora entrou e se dirigiu para a frente da sala, começando a endireitar obsessivamente os lápis que estavam em cima da secretária, antes de fazer a chamada. A Jessica olhou de relance para a professora magricela e, quando voltou a olhar para mim, tinha os olhos castanho-escuros a brilhar com mais algumas lágrimas novas. — Queres saber qual é a pior parte, Bianca? — perguntou num sussurro. — Eu

ia convidar o Harrison para ir comigo. E agora tenho de esperar até à formatura para o convidar para um baile.

Devido ao estado sensível em que ela estava, decidi não lhe lembrar que o Harrison não estaria interessado, porque ela tinha mamãs — e das grandes. Em vez disso, limitei-me a dizer: — Eu sei. Tenho muita pena, Jessica.

Depois de ultrapassada aquela pequena crise, a aula de Espanhol correu tranquilamente. As lágrimas da Jessica secaram e, quando a campainha finalmente tocou, já ela estava a rir-se alegremente enquanto a Angela, uma amiga nossa, nos falava do novo namorado dela. Descobri que tinha tido um 20 na minha última *prueba de vocabulario* e, além disso, que sabia perfeitamente fazer a conjugação dos verbos regulares no presente do conjuntivo. Por isso estava muitíssimo bem-disposta quando eu, a Jessica e a Angela saímos da sala de aulas.

— Ele trabalha no *campus* universitário — continuou a Angela, enquanto abríamos caminho pelo átrio apinhado.

— Onde é que está a estudar? — perguntei.

— No Instituto Técnico de Oak Hill. — Pareceu um bocadinho envergonhada ao dizer aquilo, e acrescentou rapidamente: — Mas está apenas a tirar um curso tecnológico antes de ir para a universidade. E o ITOH não é uma má escola.

— É para lá que eu vou — disse a Jessica. — Não quero ir para muito longe de casa.

A Jessica e eu éramos tão diferentes uma da outra que, às vezes, até tinha graça. Conseguia-se sempre prever o que uma de nós ia querer, bastando para isso escolher o oposto do que a outra queria. Pessoalmente, eu queria sair de Hamilton o mais depressa possível. Mal podia esperar pelo fim do décimo segundo ano, para me pirar para Nova Iorque, onde iria para a universidade.

Mas, subitamente, a ideia de estar tão longe da Jessica — de não a ver saltitar junto de mim todos os dias ou de não a ouvir tagarelar sobre bailes e rapazes *gay* — assustou-me. Não tinha bem a certeza de como iria lidar com isso. Ela e a Casey eram como uma espécie de equilíbrio para mim. Não tinha a certeza de que houvesse mais alguém que estivesse disposto a aturar o meu pessimismo, depois de me ir embora desta cidade.

— Devíamos ir andando para a aula de Química, Jess — disse a Angela, enquanto abanava a comprida franja preta, afastando-a dos olhos. — Já sabes como é que o professor Rollins fica quando nos atrasamos.

Elas puseram-se a andar para o Departamento de Ciências e eu comecei a percorrer o corredor em direção à aula de Instituições Governamentais. A minha mente começou a divagar por outros lugares, para um futuro sem as minhas melhores amigas para me manterem mentalmente sã. Nunca tinha refletido sobre isso antes e, agora que pensava no assunto, sentia-me verdadeiramente nervosa. Sabia que elas se meteriam comigo por me sentir assim, mas teria de arranjar uma maneira de nos mantermos constantemente em contacto.

Acho que os meus olhos perderam a ligação com o cérebro porque, quando dei por mim, tinha esbarrado contra o Wesley Rush.

Foi o fim do meu bom humor.

Cambaleei para trás e todos os meus livros me escorregaram das mãos e caíram ao chão com estrondo. O Wesley agarrou-me pelos ombros e as suas grandes mãos ampararam-me antes que eu tropeçasse nos meus próprios pés e me estatelasse ao comprido na tijoleira.

— Calma! — exclamou ele, amparando-me.

Estávamos *demasiado* perto um do outro. Senti-me como se tivesse insetos a rastejar por baixo da pele, espalhando-se pelo meu corpo a partir dos sítios onde as mãos dele me estavam a tocar. Estremeci, mas de nojo, coisa que lhe escapou.

— Uau, Amiguinha FG — disse, olhando de cima para mim com um sorrisinho convencido. Era mesmo alto, tinha-me esquecido disso quando estivera sentada ao lado dele no Ninho, naquela noite. Era um dos poucos rapazes do nosso liceu mais altos do que a Casey, tinha, pelo menos, um metro e oitenta e seis. Mais trinta centímetros do que eu. — Ficas com os joelhos a tremer por minha causa?

— Como se fosse possível. — Contorci-me de maneira a libertar-me das mãos dele, totalmente ciente de que soara como a Alicia Silverstone, no filme *As Meninas de Beverly Hills*, mas estando-me simplesmente nas tintas para isso. Ajoelhei-me e comecei a apanhar os livros, e, para meu grande desgosto, o Wesley juntou-se a mim. Evidentemente, estava a desempenhar o papel do bom samaritano. Aposto que estava com esperanças de que alguma brasa da claque, como a Casey, passasse por nós e pensasse que estava a ser um cavalheiro. Que gajo imundo! Sempre a tentar marcar pontos.

— Com que então, Espanhol? — comentou ele, olhando de relance para baixo, para os trabalhos espalhados pelo chão, enquanto os ia apanhando. — Sabes dizer alguma frase interessante?

— *El tono de tu voz hace que quiera estrangularme.* — Depois levantei-me e esperei que ele me devolvesse os trabalhos.

— Isso soa muito *sexy* — disse ele, levantando-se e entregando-me o monte de trabalhos de Espanhol que apanhara do chão. — O que é que quer dizer?

— O som da tua voz dá-me vontade de me enforçar.

— Muito perverso.

Sem dizer mais uma palavra que fosse, arranquei-lhe os trabalhos das mãos, enfiei-os dentro de um dos livros e saí dali a correr em direção à sala de aula. Precisava de pôr o máximo de distância possível entre mim e aquele sacana mulherengo. Amiguinha FG? DUFF? A sério? Ele sabia o meu nome! O idiota egocêntrico simplesmente não conseguia deixar-me em paz. Já para não falar do facto de a minha pele *ainda* estar eriçada nos sítios onde ele me tocara.

A disciplina de Instituições Governamentais do professor Chaucer tinha apenas nove alunos, e sete deles já estavam na sala quando eu finalmente entrei. O professor Chaucer lançou-me um olhar furibundo através dos olhos semicerrados, para me indicar que a campainha iria tocar a qualquer momento. Na opinião do professor Chaucer, chegar-se atrasado era um delito e chegar-se *quase* atrasado era uma infração. No entanto, não fui a última a aparecer, e isso ajudou um bocadinho.

Sentei-me na última carteira ao fundo da sala e comecei a abrir o caderno, pedindo aos céus que o professor Chaucer não me desse uma bronca por quase ter chegado atrasada. No meu presente estado de humor, não havia quaisquer garantias de que não começasse a insultá-lo. Mas ele não o fez e fomos ambos poupados ao drama.

O último aluno entrou exatamente quando a campainha começou a tocar. — Peço desculpa, professor Chaucer. Estive a pendurar cartazes a promover a cerimónia de inauguração da próxima semana. Ainda não começou a aula, pois não?

O meu coração deu um salto quando olhei para o rapaz que acabara de entrar.

Está bem, não escondo o facto de detestar adolescentes que namoram no liceu e que passam o tempo todo a proclamar alto e bom som o quanto «amam» o namorado ou a namorada. Admito livremente que detesto raparigas que dizem que amam alguém antes sequer de saírem com a pessoa em questão. Não escondo o facto de, em minha opinião, o amor demorar anos — cinco ou dez, pelo menos — a desenvolver-se, e de achar que as relações do liceu são incrivelmente inúteis. Toda a gente sabia isto sobre mim... mas ninguém sabia que eu era *quase* hipócrita.

Bem, está bem, a Casey e a Jessica sabiam, mas elas não contam.

Era o Toby Tucker. Com exceção da aliteração trágica, era perfeito em todos os aspetos, do primeiro ao último. Não era um jogador de futebol carregado de testosterona. Não era um *hippie* demasiado sensível e que tocava guitarra. Não escrevia poesia nem usava lápis para os olhos. Portanto, provavelmente não teria sido classificado como um borracho típico, mas isso funcionava a meu favor, certo? Os desportistas, os tipos que tocavam em bandas e os rapazes *emo* não olhavam duas vezes para — como o Wesley teria dito tão delicadamente — as Amigas FG. Provavelmente, eu tinha mais hipóteses com rapazes inteligentes, politicamente ativos e pouco sociáveis como o Toby. Certo?

Errado, errado, *errado*.

O Toby Tucker era o meu par perfeito. Infelizmente, ele não tinha consciência disso, como o provava o facto de não reparar que eu perdia a capacidade de formar frases coerentes sempre que ele se aproximava de mim. Devia pensar que eu era muda ou qualquer coisa do género. Nunca olhava para mim

nem falava comigo e nem sequer parecia reparar que eu estava sentada no fundo da sala. Para uma rapariga com um rabo tão gordo, sentia-me bastante invisível.

No entanto, eu reparava no Toby. Reparava no cabelo loiro dele, com um corte à tigela fora de moda mas adorável, e na sua pele cor de marfim. Reparava nos olhos verdes escondidos por baixo das lentes dos óculos ovais. Reparava no facto de ele usar um *blazer* com *tudo*, e reparava na forma adorável como ele mordia o lábio inferior quando estava verdadeiramente concentrado em alguma coisa. Estava perdida de... bem, não de amores, mas sem dúvida alguma gostava dele. Tinha uma enorme paixoneta pelo Toby Tucker.

— Está bem — murmurou o professor Chaucer. — Mas veja se amanhã se mantém atento ao relógio, senhor Tucker.

— Com certeza, professor.

O Toby sentou-se numa carteira da fila da frente, ao lado da Jeanine McPhee. Agindo como uma perseguidora, pus-me a ouvir a conversa deles enquanto o professor Chaucer começou a escrever as notas da aula no quadro. Normalmente não sou assim tão velhaca, mas o am... o *gostar* leva as pessoas a fazerem coisas malucas. Ou, pelo menos, essa é a desculpa popular.

— Como é que correu o teu fim de semana, Toby? — perguntou a Jeanine, no tom do seu nariz permanentemente entupido. — Fizeste alguma coisa emocionante?

— Foi bastante bom — respondeu o Toby. — O meu pai levou-nos, a mim e à Nina, a ver a Universidade do Sul do Illinois. Foi divertido.

— A Nina é a tua irmã? — perguntou a Jeanine.

— Não. A Nina é a minha namorada. Anda no Liceu Oak Hill. Ainda não te tinha falado dela? Bem, seja como for, entrámos

os dois para a USI, por isso quisemos ir visitar o *campus*. Ainda ando a ver algumas outras universidades, mas como já namoramos há um ano e meio gostávamos de ir ambos para a mesma, para evitar a questão da distância.

— Isso é amoroso! — exclamou a Jeanine. — Eu estou a pensar fazer apenas algumas disciplinas no ITOH, antes de decidir para que universidade é que vou.

A minha pele tinha parado de se arrepiar, mas a minha barriga estava agora a dar voltas. Pensei que ia vomitar e tive de lutar contra a vontade de sair a correr da sala com a mão a tapar a boca. Mas acabei por conseguir vencer a batalha e por conseguir manter o pequeno-almoço onde devia ficar. Mesmo assim, sentia-me bastante infeliz.

O Toby tinha uma namorada? Há um ano e meio? Oh, meu Deus! Como é que aquilo me tinha passado ao lado? E iam para a universidade *juntos*? Será que isso significava que ele era um daqueles tipos românticos estúpidos e lamechas com quem eu gozava todos os dias? Tinha esperado muito mais do Toby Tucker. Tinha esperado que ele fosse tão cético em relação à natureza do amor adolescente quanto eu era. Tinha esperado que ele considerasse a escolha da universidade como uma decisão muito importante, e não como uma decisão que pudesse ser tomada com base na universidade em que o namorado ou a namorada entrassem. Tinha esperado que ele fosse... bem, *inteligente!*

*De qualquer maneira, ele nunca namoraria contigo,* sibilou uma voz dentro da minha cabeça. Aquela voz tinha uma semelhança sinistra com os sussurros irritantes do Wesley Rush. *Tu és a Amiga FG, lembras-te? Provavelmente, a namorada dele é mais magra do que tu e tem mamas maiores.*



Ainda nem sequer era hora do almoço e eu já estava com vontade de me atirar do cimo de um penhasco. OK, estava a dramatizar demasiado. Mas sem dúvida que me apetecia ir para casa e enfiar-me na cama. Queria esquecer que o Toby tinha uma namorada a sério. Queria lavar a sensação das mãos do Wesley no meu corpo. E, acima de tudo, queria apagar a expressão *Amiga FG* da minha memória.

Ah, é verdade, nesse dia as coisas ainda pioraram mais.

Ao fim da tarde, por volta das seis horas, o tipo que apresentava as notícias na televisão começou a falar de uma grande tempestade de neve que iria levantar-se «às primeiras horas da manhã». Acho que o conselho diretivo do liceu teve pena de nós, porque até agora ainda não tínhamos tido um único dia de neve, e por isso decidiu cancelar as aulas antes mesmo do início da tempestade. Então, às sete e meia, a Casey telefonou-me e insistiu para que fôssemos ao Ninho, uma vez que não tínhamos de nos levantar cedo no dia seguinte.

— Não sei, Casey — disse eu. — E se as estradas estiverem más? — Tenho de admitir que estava à procura de um motivo *qualquer* para não ir. O meu dia já tinha sido suficientemente mau por si só. Não sabia se conseguiria aguentar também a tortura daquele buraco infernal.

— B, a tempestade nem sequer deve começar antes das, sei lá, três da manhã ou coisa que o valha. Vai correr tudo bem, desde que voltemos para casa antes dessa hora.

— Tenho imensos trabalhos de casa para fazer.

— Só tens de os entregar na quarta-feira. Podes fazê-los amanhã, durante *o dia inteiro*, se te apetecer.

Suspirei. — Tu e a Jessica não conseguem arranjar outra boleia e ir sem mim? Não me apetece nada. Foi um dia muito mau, Casey.

Podia sempre contar com a Casey para reagir ao menor sinal de problemas. — O que é que aconteceu? — perguntou ela. — Estás bem? Não parecias lá muito feliz à hora de almoço. É por causa da tua mãe?

— Casey.

— Diz-me o que é que se passa.

— Não se passa nada — garanti-lhe. — Hoje foi um dia péssimo, só isso, está bem? Não aconteceu nada de especial ou de importante. Simplesmente não estou com vontade de sair convosco hoje à noite.

Fez-se um silêncio do outro lado da linha, até que, por fim, a Casey disse: — Bianca, sabes que podes contar-me tudo, certo? Sabes que podes conversar comigo se sentires necessidade disso. Não interiorizes tudo. Não te faz bem.

— Casey, estou óti...

— Estás *ótima* — interrompeu-me ela. — Pois, eu sei. Estou apenas a dizer que, se tiveres algum problema, eu estou aqui para te ajudar.

— Eu sei — murmurei. Sentia-me culpada por a pôr tão nervosa por causa de uma coisa tão estúpida. Tinha o mau hábito de recalcar todas as minhas emoções e a Casey sabia isso demasiado bem. Estava sempre a tentar proteger-me. Estava sempre a tentar convencer-me a partilhar os meus sentimentos, para não acabar por explodir mais tarde. Às vezes tornava-se chato, mas o facto de saber que alguém se preocupava comigo... sabia-me bem. Por isso, a verdade é que não podia ficar zangada com a insistência dela. — Eu sei, Casey. Mas estou bem, a sério. É só que... descobri hoje que o Toby tem namorada e fiquei um bocadinho chateada. É só isso.

— Oh, B — suspirou. — Que treta. Tenho pena. Mas, se saíres connosco hoje, talvez eu e a Jess consigamos animar-te. Até te damos duas bolas de gelado e tudo a que tens direito.

Dei uma pequena gargalhada. — Obrigada, mas não, obrigada. Acho que hoje vou ficar em casa.

Desliguei o telefone e desci para o andar de baixo, onde encontrei o meu pai na cozinha a usar o telefone sem fios. Ouvi-o antes de o ver. Estava a gritar para o telefone. Fiquei parada à porta, partindo do princípio de que ele me ia ver e que baixaria imediatamente o tom de voz. Primeiro achei que era um operador de *telemarketing* qualquer que estava a levar uma bronca do Mike Piper, mas depois ouvi-o dizer o meu nome.

— Pensa no que estás a fazer à Bianca! — O tom alto da voz do meu pai, que eu tomara por fúria, soava mais como uma súplica. — Isto não é bom para uma rapariga de dezassete anos e para a mãe dela. Ela precisa de ti aqui, em casa, Gina. Nós precisamos de ti aqui.

Voltei sorrateiramente para a sala de estar, surpreendida por perceber que ele estava a falar com a minha mãe. Para dizer a verdade, não sabia bem como havia de me sentir em relação àquilo. Em relação às coisas que ele estava a falar. Quer dizer, sim, sentia saudades da minha mãe. Teria sido bom tê-la em casa, mas não era como se não estivéssemos habituados a passar perfeitamente sem ela.

A minha mãe era uma oradora motivacional. Quando eu era pequena, ela tinha escrito uma espécie de livro animador e inspirador sobre como melhorar a nossa autoestima. Não tinha sido um grande sucesso de vendas, mas ela ainda continuava a receber convites para fazer palestras em universidades, grupos

de apoio e cerimónias de fim de curso por todo o país. Como o livro não tinha sido um sucesso de vendas, as palestras eram bastante baratas.

Durante algum tempo apenas aceitara trabalhos ao nível local. Aqueles que lhe permitiam voltar para casa de carro depois de acabar de dizer às pessoas como é que deviam amar-se a si mesmas. Mas depois de a minha avó morrer, quando eu tinha doze anos, a minha mãe ficou um bocado deprimida. O meu pai sugeriu que ela tirasse umas férias. Só para se afastar durante algumas semanas.

Quando a minha mãe regressou, falou entusiasticamente sobre todos os locais que visitara e as pessoas que conhecera. Acho que talvez tenha sido isso que despertou o seu vício de viajar. Porque, depois daquelas primeiras férias, a minha mãe começou a marcar eventos por todo o país. No Colorado e em New Hampshire. Marcava digressões enormes.

Só que esta digressão, a que ela estava a fazer agora, tinha sido a mais longa de todas. Há quase dois meses que não vinha a casa e, desta vez, eu nem sequer tinha a certeza dos sítios onde ela ia fazer as palestras.

Era evidente que era por isso que o meu pai estava zangado. Por ela estar fora há tanto tempo.

— Bolas, Gina. Quando é que vais deixar de te comportar como uma criança e regressar a casa? Quando é que vais voltar para junto de nós... de vez? — A forma como a voz do meu pai quebrou quando ele disse aquela frase quase me levou às lágrimas. — Gina — murmurou. — Gina, nós amamos-te. A Bianca e eu sentimos a tua falta e queremos que voltes para casa.

Encostei-me com força à parede que me separava do meu pai e mordi o lábio. Céus, aquilo estava a tornar-se patético. Quer

dizer, porque é que eles não se limitavam a pedir a porcaria do divórcio? Será que eu era a única a conseguir ver que as coisas simplesmente não estavam a resultar? Qual era o objetivo de estarem casados, se a minha mãe estava sempre fora?

— Gina — disse o meu pai, e pela voz pareceu-me que ele estava à beira das lágrimas. Depois ouvi-o pousar o telefone em cima da bancada. A conversa tinha terminado.

Dei-lhe alguns minutos, antes de entrar na cozinha. — Olá, pai. Está tudo bem?

— Sim — disse ele. Céus, não sabia mesmo mentir. — Oh, está tudo bem, Abelhinha. Estive agora a falar com a tua mãe e... ela mandou-te beijinhos.

— De onde, desta vez?

— Hum... de Orange County — disse ele. — Aproveitou o facto de ir dar uma palestra num liceu de lá para ir visitar a tua tia Leah. É fixe, não achas? Podes dizer às tuas amigas que a tua mãe está em Orange County agora. Tu gostas dessa série, não é?

— Sim — retorqui eu. — Gostava... mas já foi cancelada há alguns anos.

— Oh, bem... acho que estou atrasado, Abelhinha. — Vi os olhos dele desviarem-se para a bancada, onde tinha deixado as chaves do carro, e segui-lhes o movimento. Ele reparou e afastou rapidamente os olhos, antes que eu pudesse dizer alguma coisa. — Tens planos para hoje à noite? — perguntou-me.

— Bem, podia arranjar qualquer coisa, mas... — Pigarreei, sem ter bem a certeza de como dizer a próxima frase. A verdade é que o meu pai e eu não tínhamos por hábito conversar um com o outro. — Também posso ficar em casa. Queres que eu fique aqui e, sei lá, veja televisão contigo ou qualquer coisa?

— Oh, não, Abelhinha — disse ele, com uma gargalhada muito pouco convincente. — Vai divertir-te com as tuas amigas. De qualquer maneira, provavelmente, hoje devo deitar-me cedo.

Olhei-o nos olhos, com esperança de que ele mudasse de ideias. O meu pai ficava sempre muito deprimido depois de discutir com a minha mãe. Eu estava preocupada com ele, mas não tinha bem a certeza de como devia abordar o assunto.

E, no meu subconsciente, havia um medo escondido. Era uma estupidez, na verdade, mas não conseguia libertar-me dele. O meu pai era um alcoólico em recuperação. Quer dizer, ele tinha deixado de beber ainda antes de eu nascer, e não voltara a tocar numa gota de álcool desde então... mas às vezes, quando ele ficava todo acabrunhado por causa da minha mãe, eu ficava assustada. Ficava com medo de que ele pudesse pegar nas chaves do carro e ir direito à loja de vinhos mais próxima ou qualquer coisa do género. Como já disse, era ridículo, mas não consegui vencer aquele medo.

O meu pai afastou o olhar do meu e mexeu desconfortavelmente os pés. Depois virou-me as costas e dirigiu-se para o lava-loiça, para lavar o prato em que tinha acabado de comer esparguete. Apeteceu-me dirigir-me a ele e tirar-lhe o prato das mãos — aquela desculpa patética para se distrair — e atirá-lo para o chão. Queria dizer-lhe que toda esta coisa com a minha mãe era uma verdadeira estupidez. Queria que ele percebesse que estas depressões e discussões idiotas eram uma perda de tempo e que admitisse tão-só que as coisas não estavam a resultar.

Mas é claro que não consegui fazer nada disso. A única coisa que consegui dizer foi: — Pai...

Ele olhou para mim, abanando a cabeça, com um pano da loiça molhado a balouçar na mão. — Vai sair e diverte-te — disse-me. — A sério, quero que faças isso. Só se é novo uma vez.

Não havia discussão possível. Aquela era a forma subtil que ele tinha de me dizer que queria ficar sozinho.

— Está bem — disse eu. — Se tens a certeza... vou ligar à Casey.

Voltei a subir as escadas e entrei no quarto. Peguei no telemóvel, que estava em cima da cómoda, e marquei o número da Casey. Passados dois toques, ela atendeu.

— Olá, Casey. Mudei de ideias em relação ao Ninho... e, hum, achas que posso ficar a dormir em tua casa esta noite? Depois conto-te tudo, mas... não quero nada ficar em casa hoje.

Antes de sair tornei a dobrar a roupa lavada que tinha pousado no chão, aos pés da cama, mas não ajudou tanto como normalmente ajudava.